convibra
www.convibra.org

PREVALÊNCIA DE DISTÚRBIOS MUSCULOESQUELÉTICOS POR SEGUIMENTO CORPORAL EM UMA POPULAÇÃO DE MARISQUEIRAS DA ILHA DE MARÉ

Wendel da Silva Viana[1]; Paulo Gilvane Lopes Pena[1], Verônica Maria Cadena de Lima[1], Jaqueline Menezes Seixas[2], Rita de Cássia Franco Rêgo[1].

[1] Mestrado em Saúde, Ambiente e Trabalho, Faculdade de Medicina da Bahia, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador – BA.

[2] Serviço de Saúde Ocupacional – SESAO, Ambulatório Magalhães Neto, Salvador – BA.

RESUMO: Trata-se de um estudo transversal cujo objetivo é avaliar a prevalência de distúrbios musculoesqueléticos por seguimento corporal em uma população de pescadoras artesanais/ marisqueiras. A pesquisa foi realizada no período de dezembro de 2010 a agosto de 2011, com 186 mulheres residentes na Ilha de Maré, localizada no Município de Salvador – BA, o instrumento de medida utilizado foi a versão ampliada do *Nordic Musculosqueletal Questionnaire (NMQ*). Observou-se um alto índice de distúrbios musculoesqueléticos em todos os segmentos corporais analisados, sendo a articulação do ombro a região corporal que apresentou maior prevalência de distúrbios musculoesquelético (22,6%). Nesse sentido, nota-se que a ocorrência dessas patologias é recorrente, sendo de extrema importância a implantação de programas voltados para a melhoria das condições de trabalho e saúde destas pessoas.

Palavras-Chave: Distúrbios Musculoesqueléticos. Pesca Artesanal. Marisqueiras. Doenças Ocupacionais. Saúde do Trabalhador.

ABSTRACT: It is a cross-sectional study quantitative, descriptive, exploratory and aims to assess the prevalence of musculoskeletal disorders by tracking body in a population of artisanal fishers / gatherers. The survey was conducted from December 2010 to August 2011, with 186 women living in Maré Island, located in the city of Salvador – BA, the measuring instrument used was the extended version of the Nordic Questionnaire Musculosqueletal (NMQ). We observed a high rate of musculoskeletal disorders in all body segments analyzed, the shoulder joint to body region with the highest prevalence of musculoskeletal disorders (22.6%). In this regard, we note that the occurrence of these diseases is recurrent, being of extreme importance to implementation of programs for the improvement of working conditions and health of these people.

Key-Words: Musculoskeletal Disorders. Artisanal Fisheries. Gatherers. Occupational Diseases. Occupational Health.

INTRODUÇÃO

As doenças ocupacionais ocupam atualmente lugar de destaque dentre as patologias mais freqüentes no mundo. Os distúrbios músculoesqueléticos (DME), por sua vez, estão entre as doenças ocupacionais mais freqüentes em todos os países, independente do seu grau de industrialização (BRANDÃO et al., 2005; FONSECA, 2009), acometendo trabalhadores em países desenvolvidos e também em subdesenvolvimento, levando-os a diferentes graus de incapacidade funcional (MENDES, 1995; MAGNANO et al., 2007).

Os DME podem ser conceituados como um amplo conjunto de desordens inflamatórias e/ou degenerativas que acometem tendões, nervos músculos, articulações, circulação e bursas, e resultam principalmente em dor e incapacidade funcional (BUCKLE & DEVEREUX, 2002; FONSECA, 2009).

Na literatura mundial, são utilizadas várias terminologias para descrevê-los, como, por exemplo, lesões por esforço repetitivo (LER), doença osteomuscular relacionada ao trabalho (DORT), lesões por traumas cumulativos, lesões ou distúrbios musculoesqueléticos, entre outros (MAGNANO et al., 2008).

No Brasil, o Ministério da Previdência Social (MPS) informa que os Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (ou Lesões por Esforços Repetitivos) representam as doenças ocupacionais mais frequentes no país (BRASIL, 2010; FERNANDES, 2011).

Dentre os grupos ocupacionais acometidos por distúrbios musculoesqueléticos decorrentes da atividade laboral encontram-se as trabalhadoras da pesca artesanal / marisqueiras.

Nesse âmbito, a pesca artesanal pode ser conceituada com uma atividade realizada por pescadores autônomos, sozinhos ou em grupos, que participam de todo o processo e utilizam instrumentos relativamente simples para desenvolverem suas tarefas. O pescador ou a pescadora/marisqueira detém o saber de todo o processo de trabalho, os quais realiza e constrói seus próprios instrumentos para a coleta e processamento do pescado (SEPAq – Secretaria de Estado de Pesca e Aquicultura do Estado do Pará, 2011).

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) estima que exista um contingente de 25 a 34 milhões de homens e mulheres envolvidos com a atividade da pesca em geral, sendo que aproximadamente 75% dos pescadores são artesãos (ARNASON, 1998; PENA et. al., 2013). No Brasil não poderia ser diferente, números

de tamanha expressividade indicam que no nosso país, a pesca artesanal representa uma importante modalidade de trabalho. Dados oficiais de 2009 indicam existir 833.205 pescadores artesanais (BRASIL, 2009) com a maior parte concentrada nos estados do Nordeste, que representa 47% do total.

No que diz respeito aos fatores de risco ocupacionais inerentes a esta profissão e que estão associados a ocorrência de DME, destacam-se: a repetição de movimento, o uso de instrumentos rudimentares, posturas inadequadas próprias da atividade, ritmo acelerado de trabalho com carga excessiva de movimentos (PENA et al., 2007; SEIXAS, 2012). Soma-se a isso fatores de origem ambiental natural, como a incidência do sol sobre a pele, a friagem, e o desgaste físico sob ondas fortes; os físicos, como lesões em pés, por lâminas de corte ou por partes duras dos pescados; os químicos, pelo contato com secreções venenosas dos animais ou com poluentes na água; e os biológicos, pelo contato com algas, microrganismos e parasitas (BAHIA, 2010; SÁ, 2011).

Para PUNNET & WEGMAN (2004), além destes agentes etiológicos, outros fatores individuais podem estar associados aos DME, como: hábito de fumar, atividades esportivas e trabalhos domésticos. Dentre as comorbidades, esses autores citam Artrite Reumatóide, Diabetes Mellitus, Lúpus Eritematoso Sistêmico e Gota, que são patologias que atuam sobre os tecidos musculoesqueléticos e nervos periféricos. A existência de sintomas e/ou DME prévio (relacionado ou não relacionado ao trabalho), também têm sido estabelecidos como fator de risco para DME relacionado ao trabalho (BONGERS et al., 1993; ROQUELAURE et al., 2007; WANG et al., 2007; CARVALHO, 2013) . Entretanto, é importante ressaltar que os fatores de risco não são independentes: interagem entre si e devem ser sempre analisados de forma integrada.

Em decorrência da importante carga de incapacidade gerada, esses agravos causam expressivo impacto social e econômico, representado por baixa qualidade de vida dos trabalhadores incapacitados, perda de produtividade, dias de trabalho perdidos, custos com assistência médica e pagamentos de compensação previdenciária (SOUZA & SANTANA, 2011).

Nesse contexto, o presente estudo epidemiológico visa avaliar a prevalência de distúrbios musculoesqueléticos por seguimento corporal em uma população de pescadoras artesanais/marisqueiras de Ilha de Maré, localizada no município de Salvador – BA.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo epidemiológico transversal de caráter quantitativo descritivo – exploratório. Para a pesquisa, a população foi constituída por 186 trabalhadoras da pesca artesanal/marisqueiras residentes em Ilha de Maré, pertencente ao Município de Salvador – BA, no período de dezembro de 2010 a agosto de 2011.

Para a seleção dos participantes foram adotados os seguintes critérios de inclusão: ser do sexo feminino, ter a mariscagem como principal ocupação, residir em Ilha de Maré, ter idade igual ou superior a 18 anos e aceitar participar do estudo. Foram estabelecidos como critérios de exclusão: ser do sexo masculino, não ter a mariscagem como principal ocupação, não residir em Ilha de Maré, ter idade menor que 18 anos, não estar exercendo a atividade por motivos que não sejam DME e não aceitar participar do estudo.

O instrumento de pesquisa utilizado foi a versão ampliada do Nordic Musculosqueletal Questionnaire (NMQ), que tem como objetivo avaliar a presença de dor ou desconforto nos últimos doze meses em regiões anatômicas do sistema musculoesquelético e a severidade, duração e frequência desses sintomas (KUORINKA & FORCIER, 1995). Durante todo o processo de coleta de dados levou em conta a realidade das marisqueiras, considerando-se suas características sociodemográficas e ocupacionais.

Foram estabelecidos como critérios de definição de DME a presença de dor ou desconforto nos últimos doze meses de trabalho, com duração mínima de uma semana ou frequência mínima mensal. Os sintomas deveriam estar associados a, pelo menos, um dos seguintes itens de gravidade: grau de severidade >= 3, em uma escala de 0 a 5; busca de atenção médica pelo problema; ausência ao trabalho (oficial ou não); ou mudança de trabalho por restrição de saúde (KUORINKA & FORCIER, 1995).

Os dados foram tabulados e analisados utilizando-se dos pacotes estatísticos *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 17.0 para Windows e o Epi-Info 7.0 (CDC/WHO, 20013). Sendo realizadas análises descritivas dos dados, com frequência relativa obtida para as variáveis categóricas e medidas de tendência central, de dispersão e de posição para as contínuas.

Antes de cada entrevista, foi exposto a cada entrevistada a finalidade da visita, o objetivo da pesquisa, a importância da colaboração pessoal dentro do grupo pesquisado, bem como foi esclarecido que a entrevista teria caráter estritamente

confidencial, que as informações prestadas permaneceriam no anonimato e que em nenhum momento seriam utilizadas para fins prejudiciais.

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa da Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia - UFBA e só após a análise e aprovação, foi feita a pesquisa de campo e a coleta de dados.

Durante todo o desenvolvimento deste estudo, foram considerados todos os aspectos éticos e legais, principalmente os dispostos na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que estabelece as diretrizes e normas regulamentadoras da pesquisa envolvendo seres humanos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A população pesquisada é constituída em sua totalidade por mulheres (186), com idade média de 37 anos (DP=11,9) e renda média mensal com a atividade de mariscagem de R$ 81,4 (DP = 44,6). Dentre as entrevistadas 8,6% (n=16) nunca frequentou a escola, e 79,1% (n=147) afirmam ter a cor da pele negra, evidenciando a origem da comunidade quilombola dos habitantes de ilha de Maré.

No que diz respeito as jornada de trabalho, verifica-se que a média de horas trabalhadas foi de 7,3 horas (DP=3,09). Entretanto, 47,8% (n=89) das participantes afirmaram trabalhar mais de 8 horas diária.

Quando questionadas se realizavam pausas durante o trabalho, 68,8% (n=128) relataram realizá-las, sendo três pausas a media de vezes que estas ocorrem durante o processo de mariscagem (DP=1,37). Tais resultados divergem dos obtidos no estudo de CAMPOS (2009) com marisqueiras de Tramataia – PB observou-se que 100% das entrevistadas não faziam pausas durante a jornada de trabalho.

Em relação à carga transportada, 42,4% das entrevistadas transportavam de 6 a 15 kg durante a sua jornada de trabalho diária, sendo que 20% destas afirmaram que este peso ultrapassa 20kg.

As informações supracitadas acerca das condições de trabalho em que estas mulheres se submetem são preocupantes, pois revelam a ocorrência de longas jornadas de trabalho, as poucas pausas e o transporte de pesos exacerbados que, consequentemente, geram sobrecarga articular, sendo estes fatores diretamente relacionados ao surgimento de distúrbios musculoesqueléticos.

No que concerne a presença de distúrbios musculoesqueléticos por segmento corporal, verificou- se no Pescoço uma prevalência de 21,5% (n=40), no Ombro observou-se que 22,6% (n=42), no Cotovelo constatou-se 21,5% (n=40), no Punho/Mão foi de 20,5% (n=38), e na Parte Alta das Costas foi de 20,5% (n=38) (TABELA 1).

A grande prevalência dessas afecções podem ser explicadas pela adoção de posturas irregulares durante o trabalho, a sobrecarga articular, a realização de movimentos repetitivos, as longas jornadas e a realização de poucas pausas durante a tarefa e a utilização de instrumentos rudimentares que são agentes diretamente relacionados a profissão (Pena et al, 2013).

O sexo também pode estar relacionado ao aparecimento de distúrbios musculoesqueléticos. Segundo MACIEL et al. (2006) as LER/ DORT acometem muito mais as mulheres que os homens, fato que pode ser explicado por vários fatores, entre eles, que as mulheres estão presentes nas ocupações mais prevalentes, referentes a tarefas mais monótonas e repetitivas e, ainda, que a diferença de massa muscular, composição corporal e tamanho das mulheres em relação aos homens pode representar, para esse grupo, um fator de risco predisponente da sintomatologia dolorosa.

Tabela 1 - Distúrbios Musculoesqueléticos Por Segmento Corporal, em pescadoras artesanais/marisqueiras de Ilha de Maré, 2011.

Segmento Corporal	**Nº**	**%**
Ombro	42	22,6%
Pescoço	40	21,5%
Cotovelo	40	21,5%
Punho e Mãos	38	20,5%
Parte Alta das Costas	38	20,5%

FONTE: Seixas, 2013.

Especial destaque deve ser dado à região do Ombro, pois este foi o segmento corporal que apresentou maior prevalência de DME. Acredita-se que tal fato seja

decorrente da realização de movimentos repetitivos utilizando esse segmento e que são bastante comuns nesta atividade. Em pesquisas realizadas MARTARELLO & BENATTI (2009), visando mensurar a prevalência de DME em trabalhadores de limpeza e higiene hospitalar no Município de Campinas - SP, o ombro também foi o segmento corporal mais acometido (50%).

No que concerne somente a presença de sintomatologia dolorosa, a prevalência de dor ou desconforto nos últimos 12 meses considerando-se todos os seguimentos corporais foi de 100% (n=186). RODRÍGUEZ-ROMERO et al. (2012), em pesquisas realizadas com mariscadores região da Galícia na Espanha, verificou que a prevalência de dor entre mariscadores foi de 66,5%. Apesar de alguma diferença entre os resultados, nota-se em ambos os estudos que a prevalência de dor musculoesquelética nessa categoria ocupacional foi significativamente elevada.

Quando feita a análise por seguimento corporal, observou-se que a prevalência de queixas álgicas no Pescoço foi de 94,1% (n=175), no Ombro bilateralmente foi de 81,2% (n=151), Cotovelo foi de 78,5% (n=146), Punho/Mão foi de 80,1% (n=149), e na Parte Alta das Costas foi de 81,7% (n=152) (TABELA 2).

Tabela 2 – Sintomatologia Dolorosa por Segmento Corporal em Pescadoras artesanais/marisqueiras de Ilha de Maré, 2011.

Segmento Corporal	**Nº**	**%**
Pescoço	175	94,1%
Parte Alta das Costas	152	81,7%
Ombro	151	81,2%
Punho e Mãos	149	80,1%
Cotovelo	146	78,5%

Fonte: Seixas, 2013.

A existência de dor no Pescoço e no Cotovelo foram os principais motivos para a ausência no trabalho, sendo relatada por 45,7% (n=85) e 40,5% (n=75) do grupo amostral respectivamente. A dor na Parte Alta das Costas também foi a sintomatologia que mais atrapalhou o sono, sendo relatada por 83,9% (n=156) das participantes da pesquisa, seguidos pelas dores no Pescoço com 67,2% (n=125) e

no Cotovelo com 65,1% (n=121). Tais informações evidenciam que estes agravos comprometem a realização da atividade laboral e a qualidade de vida desta população.

CONCLUSÃO

Diante dos resultados obtidos, pode-se concluir que a prevalência de distúrbios musculoesqueléticos em trabalhadoras da pesca artesanal / marisqueiras é frequente em todos os segmentos corporais analisados, estando estes agravos diretamente relacionados muito possivelmente às condições de trabalho dessas pessoas. Observa-se ainda que estes agravos podem estar causando sérios danos as a atividade profissional e a qualidade de vida dessas mulheres.

Nesse contexto, torna-se de suma importância a implantação de programas que visem reduzir os efeitos danosos sobre a saúde deste tipo de atividade nesta população. Os programas devem evitar o surgimento precoce de DME, que surgem nesta população de forma precoce, conforme esta evidente na média de 37 anos das entrevistadas. A jornada diária de trabalho pode ser um fator importante para a ocorrência precoce de DME nesta população.

Espera-se que este estudo possa subsidiar as políticas públicas elaboradas para as comunidades de pescadores artesanais e marisqueiras do Brasil. Entretanto, a realização de novos estudos em outras comunidades é fundamental para que se possa verificar a magnitude dessa patologia nessas populações e para um amplo debate sobre as possíveis medidas preventivas, curativas e reabilitadoras para a melhoria das condições de trabalho, saúde e da qualidade de vida dessas trabalhadoras.

REFERENCIAS

CAMPOS, G. B. Avaliação Funcional das Marisqueiras da Comunidade de Tramataia – PB: Um Enfoque Fisioterapêutico e Etnoecológico. Dissertação de Mestrado (Mestrando em Desenvolvimento e Meio Ambiente). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa – PB, 2009.

FERNANDES, R.C.P. Precarização do Trabalho e Os Distúrbios Musculoesqueléticos. CADERNO CRH, Salvador - BA, v. 24, n. spe 01, p. 155-170, 2011.

FONSECA, N. R. Distúrbios Musculoesqueléticos em Trabalhadoras de Enfermagem. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Saúde, Ambiente e Trabalho). Faculdade de Medicina da Bahia, Universidade Federal da Bahia, Salvador – BA, 2009.

KUORINKA, I.; FORCIER, L. (Scientific Editors). Work Related Musculoskeletal Disorders (WMSDs): A Reference Book For Prevention. Taylor & Francis: London, 1995. 421p.

MACIEL, A. C. C.; FERNANDES, M. B.; MEDEIROS, L. S. Prevalência e Fatores Associados a Sintomatologia Dolorosa Entre Profissionais da Indústria Têxtil. Revista Brasileira de Epidemiologia, v. 9, n. 1, p.94-102, 2006.

MAGNANO, T. S. B. S.; LISBOA, M. T. L.; GRIEP, R. H. Trabalho da Enfermagem e Distúrbios Musculoesqueléticos: Revisão das Pesquisas Sobre o Tema. Revista da Escola de Enfermagem Anna Nery. 12 (3): 560-65. Set, 2008.

MAGNANO, T. B. S.; LISBOA, M. T. L.; SOUZA, I. E. O.; MOREIRA, M. C. Distúrbios Musculoesqueléticos em Trabalhadores de Enfermagem: Associação Com Condições de Trabalho. Revista Brasileira de Enfermagem. 60(6):701-5. Nov-Dez, 2007.

MARTARELLO, N. A.; BENATTI, M. C. C. Qualidade de Vida e Sintomas Osteomusculares em Trabalhadores de Higiene e Limpeza Hospitalar. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 43, n. 2, p. 422-8. 2009.

PENA, P. G. L.; MARTINS, V.; RÊGO, R. F. Por Uma Política Para a Saúde do Trabalhador Não Assalariado: O Caso dos Pescadores Artesanais e das Marisqueiras. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, v. 38, n. 127, p. 57-68, 2013.

PUNNET, L.; WEGMAN, D. H. Work-related Musculoskeletal Disorders: The Epidemiologic Evidence and The Debate. Journal of Electromyography and Kinesiology, v. 14, n. 1, p. 13-23, 2004.

RODRIGUEZ – ROMERO, B.; PITA-FERNÁNDEZ, S.; RAPOSO-VIDAL, I.; SEOANE-PILLADO, T. Prevalence, Co-occurrence, and Predictive Fators For Musculoskeletal Pain Among Shellfish Gatherers. Clin Rheumatol, 31:283–292, 2012.

SÁ, E. P. Estudo Exploratório Sobre a Pesca Artesanal e a Cadeia de Distribuição do Pescado em Comunidades de São Francisco do Conde – BA. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Alimentos, Nutrição e Saúde). Escola de Nutrição, Universidade Federal da Bahia, Salvador – BA, 2011.

SEPAq. Secretaria de Estado de Pesca e Aquicultura do Estado do Pará. Disponível em: <http://www.sepaq.pa.gov.br/index.php?q=node/24>. Acessado em: 10 mar. 2011

SOUZA, N. S. S.; SANTANA, V. M. Incidência Cumulativa Anual de Doenças Musculoesqueléticas Incapacitantes Relacionadas ao Trabalho em Uma Área Urbana do Brasil. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro – RJ, v. 27, n. 11, p. 2124-34, 2011.

SEIXAS, J. M. Distúrbios Musculoesqueléticos em Pescadoras Artesanais/Marisqueiras. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Saúde, Ambiente e Trabalho). Escola de Medicina da Bahia, Universidade Federal da Bahia, Salvador – BA, 2012.